

O COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO NO NOME CARA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

THE LINGUISTIC BEHAVIOR OF THE NOUN CARA IN THE BRAZILIAN PORTUGUESE

Eduardo Tadeu Roque Amaral
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
eduamaralbh@uol.com.br

João Carlos Martins Lourenço
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
joao.lourenco@pbh.gov.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar o comportamento linguístico do nome *cara* no português brasileiro. São observados aspectos lexicais, gramaticais, semânticos e sociolinguísticos (GROSS, 2009; HASPELMATH, 1997; MILANEZ, 1982), partindo-se da hipótese de que essa unidade linguística compartilha uma série de traços com outros nomes gerais (AMARAL e RAMOS, 2014; KOCH e OSTERREICHER, 2007; MIHATSCH, 2006). Como corpus de análise, são usados dados de língua oral presentes em entrevistas sociolinguísticas. A análise revela que, embora a unidade lexical *cara* não possua todas as propriedades de um nome geral prototípico como *pessoa*, seu emprego na língua oral o torna um bom candidato para ser incluído nessa categoria.

Palavras-chave: nomes gerais; cara; português falado.

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze the linguistic behavior of the noun *cara* (guy) in Brazilian Portuguese. Lexical, grammatical, semantic and sociolinguistic aspects are observed (GROSS, 2009; HASPELMATH, 1997; MILANEZ, 1982), based on the hypothesis that this linguistic unit shares a number of traits with other general nouns (AMARAL e RAMOS, 2014; KOCH e OSTERREICHER, 2007; MIHATSCH, 2006). Spoken language data collected in sociolinguistic interviews are used as an analysis corpus. The research reveals that, although *cara* doesn't present all the properties of a prototypical general noun as *pessoa* (person) does, its usage in oral language makes it possible to be included in this category.

Keywords: general nouns; cara; spoken Portuguese language.

Introdução

Os falantes de uma língua utilizam palavras de conteúdo semântico pouco especificado quando não sabem, não querem ou não podem nomear a entidade a que se referem. Essas palavras têm sido denominadas de *nomes gerais* e se constituem em membros de uma classe pequena de nomes cuja definição é composta apenas por traços semânticos muito genéricos, tais como [+/- humano] ou [+/- contável] (HALLIDAY e HALHASAN, 1995 [1976]; MIHATSCH, 2006). Nesse sentido, *pessoa* e *coisa* podem

ser citados como os nomes gerais mais prototípicos do português, quando se trata, respectivamente, de entidades com traço [+humano] e [-humano] (Amaral e Ramos, 2014).

Para Koch (2004, p. 250), *cara* seria um nome geral (ou *termo genérico*, segundo a nomenclatura da autora), usado para retomadas anafóricas e indicaria um estilo coloquial ou uma gíria. Oliveira (2006, p. 50) também inclui esse item entre os elementos que a autora chama de substantivos-suporte e destaca seu valor semântico vago. Amaral e Ramos (2014) analisam um conjunto de nomes gerais, o qual inclui itens com traço [-humano], como *coisa*, *negócio* e *trem*, e [+humano], como *pessoa*. Entretanto, nenhum dos trabalhos citados chega a discutir as propriedades do nome *cara*.

Por essa razão, o objetivo deste artigo é analisar o comportamento linguístico de *cara* no português brasileiro, verificando suas semelhanças e diferenças com respeito a outros nomes gerais. Será usado como corpus de análise dados de língua oral presentes em entrevistas sociolinguísticas realizadas em Minas Gerais. A principal hipótese é que *cara* compartilha um grande número de traços linguísticos com outros nomes gerais e que, por esse motivo, seria um candidato para ser incluído nessa categoria de nomes. Além disso, espera-se que a ocorrência de *cara* seja mais frequente em falantes mais jovens e com menor escolaridade, tendo em vista que esse item, como nome geral, é de origem relativamente recente na língua, conforme será discutido mais adiante.

O percurso deste trabalho passará, inicialmente, pelo estudo teórico dos nomes gerais. Em seguida, serão comentadas algumas pesquisas que incluíram o nome *cara* em suas análises, bem como as definições presentes em dicionários históricos e contemporâneos. A seguir, será analisado o comportamento de *cara* em dados de língua oral, a fim de verificar a hipótese apresentada acima. Por fim, apresentam-se as conclusões.

1 Fundamentação teórica

Gross (2009) desenvolve estudos para descrição de nomes que designam seres humanos, evidenciando que os mecanismos linguísticos utilizados são particularmente mais complexos que a noção abstrata e prelinguística do ser humano. Para o autor, a distinção do que é ou não é humano é feita intuitivamente no cotidiano, sem a necessidade de uma reflexão particular, levando em consideração aspectos pragmáticos.

Schnedecker (2015) ressalta que o traço humano parece, do ponto de vista empírico, relativamente mais fácil de delimitar, uma vez que sabemos diferenciar ser humano de animais, coisas, etc. Além disso, argumenta que os nomes para humanos constituem uma área de estudos promissora em função da importância ontológica de seus referentes.

De acordo com Koch e Oesterreicher (2007), o emprego de nomes gerais é frequente em situações de comunicação imediata em que há economia verbal e, por isso, os falantes da língua recorrem a termos curingas com baixo conteúdo semântico, porém com grande extensão referencial, conforme descrito abaixo:

Uma das particularidades semânticas mais destacadas e também mais conhecidas da comunicação imediata é o fato de ser possível fazer referência a um objeto preciso com ajuda de um lexema cujo significado contém somente traços semânticos muito gerais como ‘objeto (físico)’, ‘humano’, ‘ação’, etc. (...) Tais lexemas vinculam a uma intensão mínima (escassa determinação do conteúdo) com uma extensão máxima (grande capacidade denotativa). Por isso, são chamados de *palavras curinga*, nomes/verbos *tutto fare*, *palavras-ônibus*, *palavras passe-partout* ou proformas (KOCH e OSTERREICHER, 2007, p. 151 - tradução nossa).

Pelo exposto, verifica-se que os nomes gerais são um recurso eficaz para construções linguísticas com alto grau de abrangência referencial, devido ao seu conteúdo semântico englobar traços mínimos. Por isso, percebe-se que não há diferenciação paradigmática no vocabulário devido ao elevado emprego desses nomes na comunicação imediata. Isso não quer dizer que haja uma pobreza léxica pelo fato de que determinados gêneros textuais sejam mais propícios para esse tipo de recurso¹.

Ao tratar dos chamados *substantivos-suporte*, Oliveira (2006) afirma que "constituem uma classe não muito extensa de substantivos abstratos do português que se caracterizam por sua generalidade semântica" (p. 68) e que "uma das características do substantivo-suporte é o grau de generalidade, ou falta de especificidade, com que é utilizado para denominar. (p. 48)." Semanticamente, os itens estudados pela autora assemelham-se aos nomes gerais, os quais não possuem a função de especificar, mas possuem outras, entre as quais, fazer retomadas anafóricas em contextos discursivos de comunicação imediata, especialmente, mas não exclusivamente, em situações mais informais.

Com relação aos aspectos gramaticais, os nomes gerais não podem ser utilizados

¹ Alguns manuais de redação costumam associar o uso de certos nomes gerais com pobreza lexical do informante (AZORÍN, MARTÍNEZ e SANTAMARÍA, 1999; HOZ HERNÁNDEZ, 2005).

em orações adjetivas explicativas, pois não possuem conteúdo semântico necessário para compreensão do enunciado, ou seja, não são predicativos nem possuem conteúdo explicativo que auxilie o interlocutor na compreensão da mensagem. Isso é o que se observa nos exemplos abaixo, apresentados por Gross (2009) para o francês, mas que também se aplicam ao português:

- (1) *Un homme, qui est un cordonnier, m'a dit que P*
Um homem, **que é um sapateiro**, me disse que P
- (2) * *Un homme, que est un type, m'a giflé*
*Um homem, **que é um cara**, me deu uma bofetada
- (3) * *Des hommes, qui sont des gens, m'ont abordé* (GROSS, 2009, p.3)
*Uns homens, **que são pessoas**, me abordaram (tradução nossa)

O exemplo (1) apresenta uma oração relativa explicativa, a qual informa que o referente é um sapateiro. Assim, ela possui conteúdo explicativo para o substantivo *homem*. Em (2), é possível traduzir *type* por *cara*, nome que é objeto de estudo deste trabalho e cujas propriedades parecem se assemelhar às de outros nomes gerais. Tanto em (2) quanto em (3), *cara* e *pessoas* não são explicativos, não apresentam informações para os referentes e, portanto, não podem estar em orações relativas como essas.

Outra característica importante, abordada por Koch e Oesterreicher (2007), é que os nomes gerais se enquadram como unidades lexicais no campo simbólico da língua, enquanto os morfemas gramaticais dêiticos pertencem ao campo demonstrativo. Entretanto, ambas as classes possuem uma fraca intensão semântica. Assim, esse parentesco ajuda a explicar o fato de os nomes genéricos servirem de apoio aos demonstrativos dêiticos, tais como *aquele cara, esta coisa* etc.

Amaral e Ramos (2014) apresentam propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas, pragmáticas, discursivas e de processamento dos nomes gerais, analisando com maior detalhamento quatro unidades: *coisa, negócio, trem e pessoa*. São unidades da língua que tendem a sofrer redução sonora e a não receber marcas de plural, embora isso não ocorra com *pessoa* e *coisa*. Sintaticamente, têm comportamento de substantivo. Além disso, conforme apontam os autores, esses nomes propiciam a formação de expressões fixas (*coisa de louco, negócio da China, trem de doido, doce de pessoa*). Semanticamente, são todos itens que permitem uma referência vaga. No aspecto

discursivo, os autores destacam a função de elemento coesivo e sua função fórica. Alguns nomes gerais ocorrem em discurso planejado, como *coisa* e *pessoa*. Com relação à evolução diacrônica, Amaral e Ramos (2014) verificam que nomes como *trem* e *negócio* perdem traços semânticos em relação ao uso registrado pelos dicionários dos séculos XVIII e XIX. No que diz respeito a seu papel no processamento, ainda de acordo com os autores, os nomes gerais são utilizados na linguagem coloquial para: a) proteger os falantes de eventuais esquecimentos; b) evitar a verbalização de lexemas pejorativos, pois, neste caso, o nome geral é um atenuante para um enunciado com conteúdo semântico incômodo; e c) permitir a não especificação de um conteúdo, reforçando o aspecto de limitação semântica que essa categoria de nome possui.

Com relação aos aspectos semânticos, há menções a *cara* em trabalhos sobre coesão anafórica e sobre indeterminação. Entre os primeiros, Koch (2004, p. 250), ao tratar dos diferentes tipos de anáforas, afirma que *cara* seria um *termo genérico* usado para retomadas anafóricas e que indicaria o estilo coloquial ou uma gíria. Milanez (1982) cita o uso de *cara* como um dos recursos de indeterminação, que implica “uma referência de tal forma abrangente que pode envolver qualquer pessoa” (p. 26). A autora analisa diferentes formas de indeterminação no português e, a respeito do contraste entre distintos usos dos pronomes e dos nomes gerais, afirma:

Parece, portanto, que com os pronomes *eu*, *você* e os SNs *o indivíduo*, *o sujeito*, *o cara*, etc. o mecanismo de indeterminação funciona através de uma *projeção* de um dos elementos do nível da determinação ao da indeterminação, sendo o envolvimento da 1ª pessoa, 2ª e 3ª meramente hipotético, ou seja, as mesmas seriam usadas para efeito de ilustração de uma situação onde qualquer pessoa poderia se encontrar. (Milanez, 1982, p. 31) (grifo nosso).

As formas de indeterminação também são estudadas por Carvalho (2010) em dados de Salvador. O autor inclui as ocorrências com *cara* no conjunto das chamadas *formas nominais*, o qual também inclui outros nomes, a maioria antecedida por artigo definido e todos com traço [+humano]: *o camarada*, *o cidadão*, *o homem*, *o indivíduo*, *a pessoa*, *o público*, *o sujeito*, *a turma*, *nego* e *neguinho* (p. 75). Entre os resultados obtidos pelo autor, destaca-se que a estratégia de indeterminação por meio de formas nominais (que inclui *o cara*), foi a terceira mais empregada pelos falantes da amostra, com 13% do número total de ocorrências, seguidas das construções com *você* (33,6) e *a gente* (25,7%).

Outro ponto importante a ser observado quando se estuda o comportamento dos

nomes gerais é sua relação com os pronomes indefinidos, já que outros estudos têm mostrado que, em diferentes línguas, pronomes indefinidos são formados a partir dessa categoria de nomes (HASPELMATH, 1997; HEINE e SONG, 2011). Na análise semântica de Haspelmath (1997), o autor apresenta os exemplos abaixo, em que o referente da construção indefinida possui uma interpretação de específico conhecido (4), específico não conhecido ((5a) e (5b)) e não específico irreal (6):

- (4) O João telefonou e disse **alguma coisa** - adivinhe o quê!
- (5a) Senti que **alguém** me observava.
- (5b) Ivan disse **qualquer coisa** em russo que não entendi.
- (6) **Alguém / qualquer pessoa** pode passar aí e apanhar a caixa.
(HASPELMATH, 1997, p. 256-257)

A diferenciação proposta pelo autor será utilizada para a análise do comportamento linguístico do item *cara* no português. Se este item realmente possui propriedades de nome geral, espera-se que ele possa ser utilizado em construções como aquelas que são apresentadas por Haspelmath (1997).

2 Descrição metodológica

Os procedimentos metodológicos adotados para a análise do comportamento de *cara* se dividiram em duas partes. Em primeiro lugar, foi observado o conteúdo do verbete correspondente em dicionários antigos e contemporâneos. Recorremos a obras do século XVIII ao séc. XXI para comparar suas definições. Foram consultados os dicionários de Bluteau (1728), Silva (1789) e Pinto (1832), além de outros dos séculos XX e XXI, que, editados no Brasil e de caráter geral, teriam maior probabilidade de apresentar uma acepção mais próxima à de um nome geral.

Em segundo lugar, foram analisadas as propriedades de *cara* em dados de língua oral. Para isso, foi selecionado um corpus de entrevistas sociolinguísticas realizadas com falantes que nasceram e viveram a maior parte da vida em Minas Gerais². A tabela abaixo demonstra as cidades onde foram realizadas as gravações das entrevistas, bem como o número total de palavras das transcrições.

² As entrevistas fazem parte de banco de dados dos projetos *O uso de nomes gerais nos falares mineiros e Mineirês*, ambos desenvolvidos na Faculdade de Letras da UFMG.

Localidade	Número de palavras das transcrições
ARCEBURGO (ARC)	58.274
BELO HORIZONTE (BHZ)	59.786
CAETÉ (CTE)	93.600
MARIANA (MAR)	80.744
OURO PRETO (OPR)	22.353
PARACATU (PRC)	20.927
PIRANGA (PIR)	44.410
OUTRAS ³	66.227
TOTAL	446.321

Tabela 1 - Distribuição geográfica do *corpus* e número de palavras

Fez-se, então, o levantamento das ocorrências de *cara*, que totalizaram 103. Em seguida, procedeu-se à análise dos dados, no intuito de verificar o seu comportamento linguístico em relação aos demais nomes gerais, conforme o objetivo exposto no início deste trabalho.

3 Análise dos dados

Esta seção se divide em três partes. Inicialmente, são analisadas as acepções que dicionários de diferentes períodos apresentam no verbete *cara*. Em seguida, descrevem-se as propriedades que esse nome adquire na língua oral. Por fim, considerando a estratificação social dos informantes do corpus, são observados algumas tendências sociolinguísticas no uso desse nome geral.

3.1 O tratamento lexicográfico e os aspectos lexicais de *cara*

Os dicionários históricos da língua portuguesa dos séculos XVIII e XIX apresentam, para *cara*, acepções relacionadas à parte do corpo. Bluteau (1728) define o item *cara* como a parte dianteira da cabeça. Acrescenta, ainda, algumas expressões, tais

³ As cidades que compõem *Outras* são Bambuí (BAM), Campanha (CMP), Minas Novas (MNV), Nova Lima (NLM), Sericita (SER) e Sete Lagoas (STL).

como *cara de morto ou de moribundo*, *cara de homem honrado*, *cara redonda*, entre outras, que contêm *cara* na sua constituição. No dicionário de Silva (1789), são apresentadas como equivalentes as formas *rosto*, *vulto* e *semblante*, além de diferentes locuções, como *fazer cara*; *cara de assucar*; todas relacionadas ao significado de ‘rosto’. Além disso, atribui também ao fato de se falar alguma coisa, positiva ou negativa, diretamente para a outra pessoa (*falar na cara*), *cara a cara*, reforçando um dos usos coloquiais desse item. Pinto (1832), de modo não muito diferente dos demais autores, apresenta os conceitos ‘rosto’ e ‘presença’. Nesse sentido, verifica-se que os dicionários dos dois séculos não tratam *cara* como nome geral, pois o conteúdo dos verbetes está baseado principalmente no conceito relacionado à fisionomia humana, além de incluir expressões que contêm esse item na sua constituição.

No século XX, acepções relacionadas ao uso de *cara* como nome geral começam a ser registradas pelos lexicográficos. Mas, mesmo na obra de Freire (1954), que, conforme Krieger et al. (2006), forma parte do conjunto de dicionários brasileiros, em oposição aos portugueses, não se encontra uma acepção de *cara* que o identifique como nome geral. Situação diferente é verificada a partir das últimas décadas do século XX. As edições do *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (AULETE, 1985) e do *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa* (FERREIRA, 1999) incluem as acepções como nome geral sob as rubricas de *brasileirismo popular* e *brasileirismo gíria*, respectivamente.

Os dicionários contemporâneos mantêm a acepção de *cara* como equivalente a *sujeito*, *pessoa* ou *indivíduo*, destacando-se a genericidade do nome. Observem-se as definições abaixo:

s.m. Bras. Gír. 6. pessoa que não se conhece. **7.** indivíduo, sujeito: “já era de noite e eu estava no posto dois com esse cara chamado Fabinho”. (Rubem Fonseca, *A Coleira do Cão*, p. 168) - (FERREIRA, 2009, p. 401)

6. indivíduo qualquer; sujeito, pessoa. (HOUAISS, 2009, p. 397)

(GEN) [*Humano. Masculino*] **4.** (Coloq.) indivíduo; sujeito: o sonho de todo cara que trabalha no interior é vir para o Rio (AMI); tudo o que desejo agora é distribuir o cara que me tirou Luciana (BE) [...] **6.** pessoa, indivíduo [...] (BORBA, 2004, p. 278)

8. Bras. Gír. Indivíduo qualquer, pessoa (homem ou mulher) de quem não se diz ou não se sabe o nome. [Pode ser us. não só para marcar indeterminação, mas tb. com conotação afetiva (positiva ou negativa): *um cara aí, que você não conhece*; “Ah, que esse cara tem me consumido / A mim e a tudo que eu quis” (Caetano Veloso, “Esse cara”).] [...] (AULETE, 2014)

Os dicionários convergem na conceituação de *cara* como ‘pessoa que não se conhece’, ‘indivíduo qualquer’, podendo ser substituído por ‘indivíduo’ ou ‘sujeito’. Isso evidencia o traço genérico do nome. Observa-se que o Aulete (2014) já apresenta uma acepção mais detalhada, quando fala em uso de *cara* para indivíduo cujo nome não se diz ou não se sabe, acentuando que pode ser usado para homem ou para mulher. Complementa ainda que, além de *cara* ter a marca de indeterminação, possui uma conotação afetiva, negativa ou positiva. Nesse caso, o contexto em que for proferido será importante para classificá-lo conforme a conotação afetiva.

Também é importante ressaltar as rubricas em que as acepções são registradas nos dicionários contemporâneos, pois, além de ser a descrição da fisionomia de um ser humano, encontramos *cara* como gíria e item coloquial utilizado informalmente. Esse emprego contém traços de nome genérico por não identificar o referente.

A análise dos verbetes nos dicionários históricos e contemporâneos nos permite inferir que, por um processo metonímico, o nome *cara*, usado inicialmente para designar ‘rosto’, ‘parte anterior da cabeça’, passou a designar a pessoa como um todo, sendo equivalente a *indivíduo*. A sua utilização como nome geral é, portanto, recente, datada do século XX em diante, pois anteriormente os dicionários apresentavam definições relacionadas ao conceito de ‘rosto’ e ‘aparência’. Esse é um traço comum a outros nomes gerais no português brasileiro, como é o caso de *negócio* e *trem*, analisados por Amaral e Ramos (2014). Por outro lado, considerando a acepção como nome geral, não se encontram expressões fixas nos dicionários e no *corpus* analisado, diferentemente do que ocorre com outros nomes gerais *coisa*, *negócio* (*tipo da coisa*, *negócio da China*, etc.)⁴.

3.2 Aspectos gramaticais

Na análise de aspectos gramaticais das ocorrências de *cara* no corpus de entrevistas sociolinguísticas não se identificam reduções sonoras, tal como se observa em outros nomes gerais, conforme apontam Amaral e Ramos (2014). Os autores verificam que o nome *negócio*, por exemplo, se realiza de diferentes formas (*negócio* ~ *negóço* ~ *negós*). Essa variação não se observa nas ocorrências de *cara*.

⁴ As expressões fixas formadas com *cara* que se encontram dicionarizadas (*cara de tacho*, *quebrar a cara*, *com cara e coragem*), não estão formadas a partir do nome geral, mas do conceito: ‘rosto’, ‘parte anterior da cabeça’.

Com respeito à variação de número, a marca [-s] de plural ocorre com maior frequência, quando aplicável, nos determinantes que acompanham *cara*, sejam artigos ou demonstrativos (4-7), mas há registros da concordância nominal no próprio item de acordo com a gramática normativa (8). No último exemplo, a presença da marca de plural pode ter sido favorecida pelo fato de haver um numeral anteposto.

(4) aí vai [a]parecia um tanto de vampiro assim ó/ **os cara** começava a brigá (MAR)

(5) aí tem **uns cara** lá que... NP num gosta que fazem raiva né.. rai/raiva nele (MAR)

(6) Mariana ainda chega ser pior que Ouro Preto entendeu? mas Ouro Preto é que essa juventude esses estudante então **esses cara** pelo (...) sei lá (...) eu creio que igual eu tava conversando com/com... o NP lá de casa cê vê nego velho nessa Universidade (OPR)

(7) aqueles **cara** à toa que fica lá e tudo na época né? hoje eu consigo enxergar assim mas num sei... (BHZ)

(8) eu vi **dois caras** brigando no meio da procissão (OPR)

Os exemplos acima reforçam a tendência observada para alguns nomes gerais no português brasileiro oral, cuja marca de plural acontece nos determinantes, em lugar de ocorrer em todos os elementos do sintagma nominal. Esse é o caso dos nomes *negócio* e *trem* (este de uso dialetal), que não recebem marcas de plural (Amaral e Ramos, 2014). Com efeito, Scherre (1988) já havia observado que a formalidade dos substantivos influencia a variação na concordância nominal. No conjunto dos itens analisados pela autora, encontra-se *cara* e Scherre destaca que “os substantivos mais informais inibem o número de marcas plurais no SN” (SCHERRE, 1988, p. 268).

Verifica-se que, normalmente, o item *cara* vem acompanhado de um determinante, seja artigo, numeral ou pronome, sendo que em alguns casos ele se apresenta sem determinante. A tabela abaixo demonstra, em valores percentuais, a distribuição de ocorrência dos determinantes que acompanham *cara*.

Tipo de determinante precedendo <i>cara</i>⁵	%
artigo definido	57%
artigo indefinido	30%
demonstrativo	8%
numeral	3%
sem determinante	2%
TOTAL	100%

Tabela 2 - Frequência de determinantes que antecedem *cara*

Observa-se a maior frequência do item acompanhado de artigo definido (9) e de indefinidos (10) em 83% do *corpus*, sendo que o artigo definido *o/os* é o mais representativo. Utilizam-se os artigos definido e indefinidos, na maior parte das ocorrências, na função de sujeito.

(9) aí ontem ***o cara*** falô assim “ah mais eu/é/a oi poderia até te ofertar um... telefone virgem” (CTE)

(10) esses dia eu fiquei sabeno que ***um cara*** é... tomô uma tijolada no nariz... levô ponto... assim... treze pontos no rosto (ARC)

Diferentemente do nome geral *trem*, que é antecedido predominantemente por demonstrativos (AMARAL, 2014), o nome *cara* apresenta uma frequência baixa com esse determinante (8%). Por outro lado, o alto índice de artigo definido se alinha com as *formas nominais* identificadas por Carvalho (2010) na indeterminação do sujeito (*o camarada, o cidadão, o homem, o indivíduo, a pessoa, etc*) e comentadas anteriormente.

Com relação à formação de derivados, o nome geral *pessoa*, que compartilha o traço [+humano] com *cara*, pode receber o sufixo *-inha* e formar uma nova palavra, a qual terá uma conotação positiva ou negativa, dependendo do contexto. Mas, na análise dos dados sociolinguísticos, *cara* não apresentou nenhum tipo de derivação sufixal, apesar de ser possível sua ocorrência na linguagem corrente ou em textos mais informais (11).

(11) Ou o ***carinha*** chega, vê um tópico de 10 páginas, atual, exatamente sobre o que ele quer, nem se dá o trabalho de ler, e

⁵ O *corpus* não possui nenhuma ocorrência com os indefinidos *algum/nenhum* precedendo *cara*.

perguntar ali, ele simplesmente abre um tópico e quer serviço personalizado.⁶

3.3 Aspectos semânticos

Considerando as interpretações semânticas dos indefinidos propostas por Haspelmath (1997), o corpus apresenta a classificação de 45% dos itens como *específico conhecido* (12); 41% como *específico não conhecido* (13); e 15% como *não específico irreal* (14). Esse resultado demonstra a propriedade de generalidade do item *cara* devido ao esvaziamento de conteúdo semântico na sua utilização no contexto discursivo.

(12) pra te falá a verdade... eu sô apaixonado com Jô Soares viu?... adoro as idéias dele... **cara** é sensacional... dez... (MNV)
[cara = Jô Soares]

(13) o **cara** fez assim, a cobra passo... bateu na árvore. (MAR)
[cara = personagem do filme Mortal Kombat]

(14) igual quando num pode falar que o **cara** é preto não... é afrodescendente né? (BHZ) [cara = a pessoa / qualquer pessoa]

Observa-se ainda que *cara* é atribuído, preferencialmente, ao sexo masculino, quando é feita uma retomada de referente específico, seja conhecido, como é o caso do exemplo (15), ou não conhecido (16), em que a única informação do referente que se tem é que ele é professor, foi preso no período da ditadura e vive sujo na Praça da Estação.

(15) o pior é que ês constatam e o **cara** não devolve o dinheiro o que o que robô... (CTE) [o cara = Marco Valério]

(16) um **cara** que fica na Praça da Estação... lá na Barra... ele sempre fica ali... tipo assim... ali... per[to] daque[la] padaria ali... perto do () sabe? ele é professor cara... e ele é todo... sujaço... mesmo e tals... e ele... até os irmãos dele é... foram presos pela ditadura e até hoje ninguém sabe cadê... (OPR)

Entretanto, quando o referente é não específico, *cara* pode ser atribuído tanto a homem quanto a mulher, como se observa em (17), em que se tem um uso de *cara* equivalente a *indivíduo* ou *sujeito*, nomes gerais para humanos, que não são tão comuns na língua oral.

(17) e agora num pode falar que **o cara** mora na favela não... ele mora é no aglomerado né? aquilo tudo pra mim é favela... (BHZ)

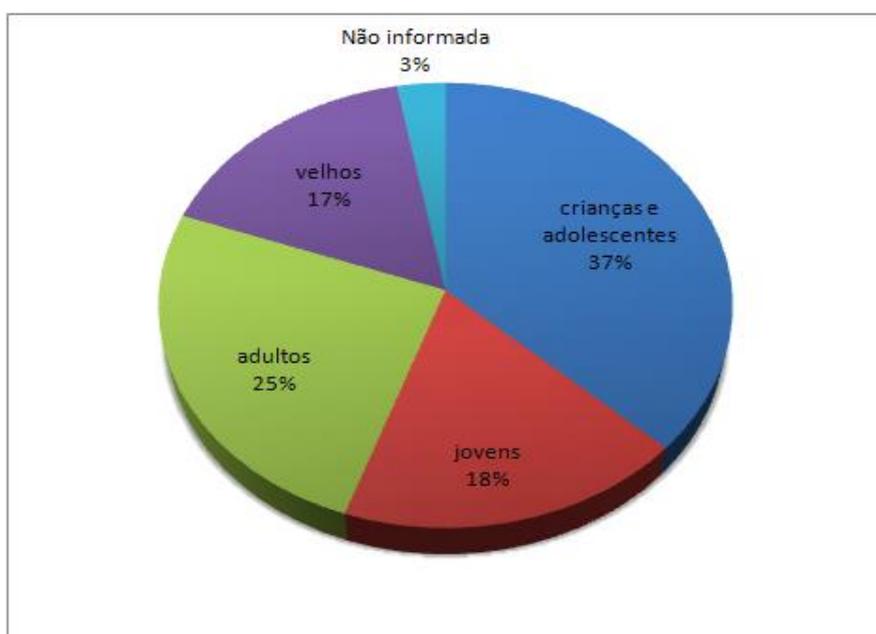
⁶ Disponível em: <http://forum.cifraclub.com.br/forum/8/301485/>. Acesso em 20 set. 2014.

Dessa forma, conclui-se que *cara* se aproxima do item *pessoa* por ter traço [+humano] e, além disso, por poder ser utilizado, em determinados contextos, para homem e mulher.

3.4 Aspectos sociolinguísticos no uso de *cara*

Como o corpus utilizado apresenta estratificação etária e de escolaridade, observou-se a tendência de ocorrência de *cara* segundo esses fatores. O gráfico 1 representa a distribuição das ocorrências de *cara* no corpus em análise conforme a faixa etária.

Gráfico 1 - Porcentagem de ocorrências de *cara* segundo a faixa etária do informante⁷



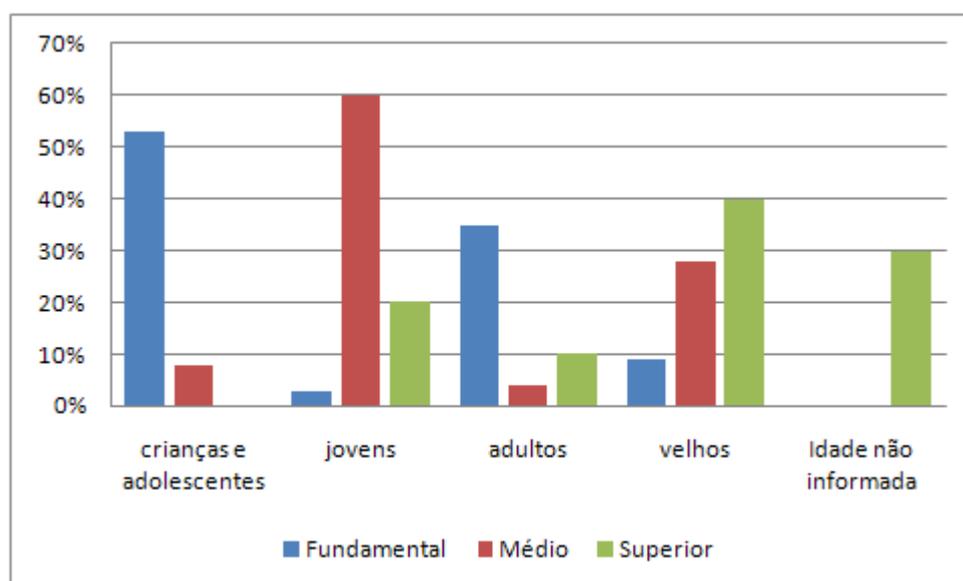
Observa-se que a maior ocorrência se dá entre crianças e adolescentes na faixa de 5 a 17 anos (37%). Considerando ainda o resultado para crianças, adolescentes e jovens, o número de ocorrências de *cara* representa mais da metade do número total. Esse resultado confirma o que era esperado com relação ao emprego desse nome geral segundo a idade do informante. Uma possível leitura dos dados sinaliza para o fato de

⁷ As faixas etárias foram classificadas da seguinte forma: crianças e adolescentes (5 e 17 anos), jovens (18 a 30 anos), adultos (31a 50 anos) e velhos (acima de 50 anos).

que crianças e adolescentes utilizam uma linguagem menos especificada e mais abrangente na comunicação, fazendo uma escolha lexical com maior recorrência a nomes gerais. Esse resultado se alinha ainda com o trabalho de Azorín, Martínez e Santamaría (1999), que observam a grande frequência do nome *tío* (*cara*, no português) na linguagem juvenil.

Além do mais, a variável escolaridade tende a influenciar o comportamento linguístico do falante. O gráfico 2 apresenta a distribuição das ocorrências, considerando as variáveis idade e escolaridade.

Gráfico 2 - Distribuição da ocorrência de *cara* segundo a escolaridade e a faixa etária



Verifica-se que a maior ocorrência se dá nos grupos de crianças e adolescentes com ensino fundamental (36 ocorrências) e de jovens com ensino médio (15 ocorrências), completo ou incompleto. Já para as pessoas com nível superior, a incidência de utilização do nome geral *cara* é menos frequente (10 ocorrências). Esse resultado sinaliza uma possível tendência do uso do nome geral *cara* na linguagem, ou seja, maior possibilidade de ocorrência entre crianças e jovens de menor escolaridade.

Considerações finais

Este artigo analisou o comportamento linguístico do item *cara* no português

brasileiro, observando algumas de suas propriedades lexicais, gramaticais, semânticas, sociolinguísticas e contrastando-as com as de outros nomes gerais.

Diacronicamente, verifica-se que houve uma mudança semântica em relação ao significado comumente apresentado nos dicionários, pois antes *cara* era utilizado somente para designar o rosto e, por um processo de caráter metonímico, passou a ser utilizado também para se referir a uma pessoa, um indivíduo de forma geral. Esse novo uso começou a ser registrado pelos dicionários na segunda metade do século XX.

Do ponto de vista fônico, o item *cara* não apresentou reduções sonoras. A marca de plural foi predominante nos determinantes, o que vai ao encontro da tendência do português brasileiro oral e da análise de Scherre (1988). Além disso, o item é acompanhado, prioritariamente, por artigos definidos e indefinidos, ao contrário do que se observa para um nome geral como *trem* (AMARAL, 2014).

Semanticamente, *cara* se aproxima do item *pessoa*, pois ambos possuem o traço [+humano]. Embora *cara* seja mais frequentemente associado ao gênero masculino, é possível encontrar ocorrências com referência a indivíduos de ambos os gêneros.

Os dados sociolinguísticos demonstram maior ocorrência do emprego de *cara* por crianças e adolescentes com menor escolaridade (ensino fundamental e médio). Embora o número de ocorrências não seja alto, esse resultado pode representar uma tendência do uso desse nome no português brasileiro.

Os resultados encontrados nesta pesquisa identificam propriedades importantes do uso de *cara*, que podem ser levadas em conta em futuros estudos sobre esse nome. Conforme comentado no início deste texto, nenhum dos trabalhos consultados chegou a realizar uma análise aprofundada do comportamento linguístico de *cara*. Por essa razão, consideramos que este artigo apresenta uma contribuição importante para o conhecimento do emprego de *cara* no português brasileiro. Além disso, a análise revela que, mesmo que o item não apresente todas as características de um nome geral prototípico, seu emprego na língua oral o torna um bom candidato para ser incluído nessa categoria.

Agradecimentos: Este trabalho foi desenvolvido como parte do projeto *Nomes gerais em contraste: entre léxico e gramática*, vinculado ao Convênio de Cooperação Internacional entre a Universidade Federal de Minas Gerais e a Ruhr-Universität

Bochum (www.ufmg.br/ufmg-rub). Agradecemos aos colegas das equipes os comentários e as sugestões.

Referências bibliográficas

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. Análise de um nome geral na fala dos mineiros: para que serve esse trem. **Revista Trama**, v.10, nº 20, 2014. Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/9486>. Acesso em 5 mar. 2015.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; RAMOS, Jânia Martins. **Nomes gerais no português brasileiro**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2014.

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 4. ed. bras. Rio de Janeiro: Delta, 1985.

AULETE Digital. Disponível em < <http://aulete.uol.com.br/> > Acesso em: 27 abr. 2014.

AZORÍN FERNÁNDEZ, Dolores; MARTÍNEZ LINARES, Maria Antonia; SANTAMARÍA PÉREZ, María Isabel. Léxico y creación léxica en un corpus oral de lenguaje juvenil. In: **Lingüística para el siglo XXI**: III Congreso organizado por el Departamento de Lengua Española, 1999, p. 219-228.

BLUTEAU, Dicionário Raphael. **Vocabulario Portuguez e Latino**. 1712-1728. Disponível em <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/1/cara>> Acesso em: 6 mai. 2014.

BORBA, Francisco S. (Org.). **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

CARVALHO, Valter de. **Você, a gente et alia indeterminam o sujeito em Salvador**. 197f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. **Novo dicionário Aurélio**. Versão 6.0. 4. ed. Curitiba, Positivo Informática, 2009. 1 CD-ROM.

FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro / São Paulo / Belo Horizonte / Recife / Porto Alegre: José Olympio, 1954.

GROSS, Gaston. Sur le statut syntaxique des substantifs humains. In: LEEMAN, Danielle (ed.). **Des topoï à la théorie des stéréotypes en passant par la polyphonie et l'argumentation dans la langue**: Hommages à Jean-Claude Anscombe. Chambéry: Presses de l'Université de Savoie, 2009.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. 14. ed. London / New York: Longman, 1995 [1976].

HASPELMATH, Martin. **Indefinite pronouns**. Oxford (Oxford studies in typology and linguistic theory): Clarendon, 1997.

HEINE, Bernd; SONG, Kyung-Na. On the grammaticalization of personal pronouns. **Journal of Linguistics**, v. 47, 2011, p. 587-630.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HOZ HERNÁNDEZ, Concha de. Las palabras comodín: sobre **cosas, cacharros, chismes y cachivaches**. In: **Actas del XVI Congreso Internacional de ASELE**, 2005. p. 396-401.

KOCH, Ingedore V. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria J.; OLIVEIRA, R. P. (Orgs.). **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004. p. 244-262.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. **Lengua hablada en la Romania**: español, francés, italiano. Madrid: Gredos, 2007.

MIHATSCH, Wiltrud. **Kognitive Grundlagen lexikalischer Hierarchien**: untersucht am Beispiel des Französischen und Spanischen. Tübingen: Max Niemeyer, 2006.

MILANEZ, Wânia. **Recursos de indeterminação do sujeito**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1982.

OLIVEIRA, Claudia M. G. Medeiros. **O substantivo-suporte: critérios operacionais de caracterização**. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PINTO, Dicionário Luiz Maria da Silva. **Dicionário da língua brasileira**. 1832. Disponível em <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/3/cara>>. Acesso em: 6 mai. 2014.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. Tese (Doutorado em Linguística) - Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1988.

SCHNEDECKER, Catherine. Les (noms d') humains sont-ils a part? des intérêts et perspectives linguistiques d'une sous-catégorie nominale encore marginale. In: MIHATSCH, Wiltrud; SCHNEDECKER, Catherine (Eds.). **Les noms d'humains: une catégorie à part?** (Zeitschrift für französische Sprache und Literatur – Beihefte, Neue Folge ZFSL-B), Stuttgart: Steiner, 2015. No prelo.

SILVA, Dicionário Antônio de Moraes. **Dicionário da língua portuguesa**. 1789. Disponível em <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/2/cara>>. Acesso em: 6 mai. 2014.